O QUE FAZER QUANDO EU RECEBO UM TRABALHO CRTL C + CTRL V? AUTORIA, PIRATARIA E PLÁGIO NA ERA DIGITAL: DESAFIOS PARA A PRÁTICA DOCENTE.

Sérgio Paulino Abranches
sergio.abranches@ufpe.br
(Universidade Federal de Pernambuco)

RESUMO

O artigo discute a autoria nos trabalhos acadêmicos, particularmente dos discentes, no contexto da cibercultura. O pressuposto é a configuração da ordem social, dinamizada pelas TICs, onde a produção da identidade e a do conhecimento passam por transformações paradigmáticas. Discute a relação educação e identidade, apresentando questões para a prática docente e a construção da proposta pedagógica na cibercultura.
PALAVRAS-CHAVE: autoria, identidade e educação.

ABSTRACT

The article discusses the authorship in scholarly works, particularly the students, in the context of cyberculture. The assumption is the configuration of social order, streamlined by TICs, where the construction of identity and the knowledge go through changes paradigmatic. It discusses the relationship between education and identity, presenting issues for the practice of teachers and the construction of pedagogical proposal in cyberculture.
KEY WORDS: authorship, identity, education.

o INTRODUÇÃO

Já não é mais estranho, nem episódico, professores reclamarem de trabalhos recebidos de seus alunos que não passam de simples cópias textuais de artigos disponíveis na internet. Esta situação já atinge os diferentes níveis de ensino, não sendo, portanto, exclusividade de nenhum professor ter que enfrentar esta situação. A pergunta é imediata: o que fazer? Diante de um quadro com poucas possibilidades e muita perplexidade, os professores vão elaborando suas práticas e dando respostas com caráter mais imediatista do que propriamente pedagógico.

Este artigo discute esta situação vivida pelos professores tendo como foco a questão da autoria e os desafios que são postos para a prática docente. Assim, situações como estas são entendidas dentro do contexto da cibercultura, resultante da popularização das tecnologias e do aumento do acesso a elas em formas diversificadas na sociedade.

Em primeiro lugar, busco, aqui, mapear o problema, entendendo as diferentes formas em que ele se apresenta, ou por vezes se esconde, quando um trabalho acadêmico é flagrado como cópia. Não basta simplesmente identificar este fato, já por demais conhecido. É necessária uma compreensão maior a partir do quadro sócio-educacional em que se encontra. A seguir, discuto a questão da identidade relacionada diretamente à autoria, sendo este um dos elementos que a educação de um modo geral se ocupou no seu fazer histórico. A identidade, ou melhor, a busca pela sua constituição, ganhou novos contornos na contemporaneidade tendo destaque no contexto da cibercultura.

Por fim, retomo a apreciação desta situação no campo específico da educação e mais propriamente da prática docente, entendendo tal fato como um desafio que exige novas formas de entendimento e de abordagem pedagógica.

Enquanto situação que ocorre na prática pedagógica, a existência de trabalhos do tipo Ctrl C + Ctrl V denuncia um embate crescente no campo educacional, tendo este raízes históricas e também variáveis novas a serem incorporadas à prática educacional. Deste modo, neste artigo tomo a perspectiva docente para o entendimento e a busca de alternativas para um problema que cresce a cada dia.

1 ALGUMAS SITUAÇÕES: MAPEANDO O PROBLEMA

De quem é o problema? Ou melhor, com quem está o problema? Aluno, professor, tecnologia ou sociedade tecnologizada? Ou será que todos têm parte neste problema? A reação com que alguns professores têm tratado esta questão restringe-se à identificação de um culpado, que de antemão já está definido como sendo o aluno.

Na tentativa de mapear o problema, começo dizendo que se trata de uma realidade. É, portanto, algo que tem endereço e forma de ser, não sendo mais possível ignorá-la. Penso que esta é uma boa maneira de começar a mapear a situação, dando a ela o seu lugar no campo educacional.

Podemos identificar algumas expressões deste problema: citações de sites como sendo de determinado autor; trabalhos literalmente copiados de um site da internet; trabalhos com trechos, muitas vezes grandes, de artigos disponíveis na internet; trabalhos "encomendados" via internet através de um site especializado neste serviço. Talvez existam outras formas de expressão deste problema, sendo algumas meros desdobramentos das que apontei acima. Vamos então entendê-las.

O primeiro elemento que deve ser destacado é a disponibilidade e facilidade com que tais fatos se apresentam. Basta um pequeno esforço e um conhecimento mínimo dos processos de navegação na internet que a busca por tais

trabalhos se realiza. Este elemento se agrega à familiaridade com que os jovens e mesmo adolescentes tratam as atuais tecnologias. Estes jovens e adolescentes nasceram em uma época em que esta realidade dominada pela tecnologia já não é mais novidade. Assim, transitar pelo emaranhado de caminhos virtuais disponíveis é uma prática assimilada não só ao cotidiano mas ao modo de ser destes jovens.

Esta proximidade entre disponibilidade e facilidade de obtenção do que se quer e a familiaridade com as tecnologias faz com que tal prática seja rapidamente assimilada como algo possível, isento de maiores questionamentos.

A proliferação de opções no mundo virtual, além de gerar certa dispersão, dificulta o acompanhamento do que está sendo feito, favorecendo a idéia de obtenção de algo pronto, acabado, supostamente de qualidade. Neste sentido, a estratégia de copiar e colar se mostra como o caminho mais fácil, amparado na imensidão de opções.

Outro elemento que deve ser considerado é que o mundo digital é mutável, manipulável. Isto faz com que um dado texto, por exemplo, seja passível de ser transformado, modificado, iludindo assim o leitor quanto à sua autoria. Esta característica retira a idéia de fixação de uma determinada obra, uma vez que ela pode ser fragmentada.

Devemos também considerar que determinadas ferramentas computacionais vão se desenvolvendo e ampliando sua aplicação. Deste modo, os conhecidos "buscadores" vão sendo apropriados e se transformando em mecanismos ágeis de localização de informações. É por isso que já surge no meio dos jovens a expressão "dar uma googada" como sinônimo da facilidade de obtenção de informações.

Outras ferramentas também vêm sendo utilizadas como forma de se obter um dado texto pronto, um trabalho que demandaria esforço. Penso aqui nas ferramentas de interação que alguns ambientes virtuais disponibilizam e que apresentam uma dada produção, oriunda de um contexto pedagógico específico, e que é utilizada para a "montagem" do texto que se quer produzir. Exemplo disto são as inúmeras wikis que proliferam em ambientes virtuais, deixando a produção de vários sujeitos à mostra, passíveis de serem redirecionadas para outro fim que não aquele originalmente pensado.

Por tudo isto, podemos dizer que a geração copy-cola já é uma realidade. Ela toma forma e ocupa um espaço nas práticas pedagógicas. Ignorá-la só contribui para que ela se desenvolva e vá assumindo novas formas e criando novos mecanismos de sobrevivência. Não aponta aqui a existência de uma organização montada para tal fim, mas sim uma cultura desenvolvida a partir da disponibilidade tecnológica e também da proposta pedagógica em vigência. Em outras palavras, não se pode atribuir a responsabilidade somente aos alunos ou às tecnologias disponíveis sem considerar o contexto pedagógico que lhe serviu de base.

Podemos então perceber que a questão principal não está propriamente no trabalho que foi feito deste modo, mas sim em receber um trabalho destes.

2 A QUESTÃO DA IDENTIDADE – A EDUCAÇÃO COMO PRODUTORA DE IDENTIDADE: NACIONAL E INDIVIDUAL

Discutir a relação entre identidade e educação parece retomar a própria epistemologia da educação, uma vez que esta se apresenta ligada à constituição de uma dada identidade, seja ela individual, grupal ou mesmo nacional.

Para isto, basta verificarmos os discursos sempre recorrentes que a sociedade apresenta chamando a educação como propulsora ou mesmo responsável pelo desenvolvimento pessoal e social. Para muitos, o país não é suficientemente desenvolvido porque não tem uma educação de base que permite e impulsione o seu destino. Para outros, estudar é a única forma de se ter um lugar na sociedade, particularmente no mercado de trabalho. Há ainda os discursos que comparam a situação de países que se desenvolveram e alcançaram um patamar elevado na sua condição econômica e social após um amplo investimento na educação com aqueles que detêm baixos índices sociais e pequeno investimento em educação.

Mesmo sem questionar a validade destes discursos e apontar-lhes seus contextos, é fácil perceber que a educação é tomada como elemento fundamental para a identidade de um povo, sendo capaz de alterar significativamente sua condição.

Historicamente, no Brasil esta perspectiva se confirma, mesmo tendo diferentes interpretações. Assim, com o jesuitismo a educação se apresentava como este elemento que consolidava as diferentes identidades presentes na sociedade colonial. Isto não quer dizer que a educação delimitava as áreas de convivência social, mas sim que marcava, mesmo que não exclusivamente, os distintos lugares sociais dentro da diversidade da época.

Com o advento da República, aos poucos a educação começa a ganhar um novo significado, passando a ser elemento de mobilidade social. Entretanto, tal mudança não altera sua característica de estar relacionada à produção da identidade. É o que observamos com o surgimento de um pensamento pedagógico nacional, iniciado com a ABE (Associação Brasileira de Educação) na década de 20, preocupada em propor as bases de uma educação tipicamente nacional, e continuada com o Movimento dos Pioneiros da Educação. Neste contexto, as propostas elaboradas apontam a necessidade de se construir uma educação que dê identidade ao povo brasileiro (ROMANELLI, 2001). É de se ressaltar o papel exercido pelo ensino da língua portuguesa, reclamado como eixo condutor da brasilidade. Tal perspectiva se consolida com a predominância da carga horária de língua portuguesa na educação básica. Trata-se assim de uma outra identidade para o país, superando sua situação de colônia e resgatando suas características próprias que o distinguem dos demais povos.

Nesta mesma época, através das diferentes reformas educacionais ensejadas pelos governos nacional e estaduais, é possível perceber como a educação vai sendo chamada a moldar ao mesmo tempo a identidade nacional e as identidades de classe ou de setores da sociedade. Assim acontece com a reforma do ensino secundário, por exemplo, que criou o ensino profissionalizante sem ligação com o ensino científico, sendo este último aquele que permitiria o

acesso à universidade, enquanto que os demais estariam colocados para a profissionalização das camadas populares da população. Deste modo, a educação daria forma às reformas sociais implementadas naquele período, atendendo aos reclamos de uma nova organização social.

Deste modo, é possível se entender que ao longo da história do Brasil após a chegada dos europeus no século XVI a educação é tomada como elemento constituinte da identidade nacional, sendo esta identidade pensada de forma diferente em cada contexto histórico. Para que isto fosse possível, diferentes processos são estruturados de modo a garantir que a educação consolidasse a identidade do país. Assim, a obrigatoriedade do canto do hino nacional e o hasteamento da bandeira em algumas épocas, a inclusão de disciplinas claramente voltadas para a questão da identidade nacional, tais como OSPB e Educação Moral e Cívica, são exemplos deste processo de construção da identidade nacional através da educação formal.

Mas não só no âmbito nacional é possível perceber a relação que a educação tem com a questão da identidade. Também no aspecto individual, vislumbramos que a educação foi, e ainda é, tomada como este elemento constituinte de identidade. Neste sentido, podemos perceber a distinção dada ao uso do termo "doutor" para se referir a alguém que tenha uma dada capacidade que supera a média existente. Ser doutor é ser especial, estar acima dos outros ao menos em um dado aspecto da vida social.

Se não se pode mais garantir ascensão social com a educação formal, ao menos a distinção social se mantém, sendo assim considerado fator de uma identidade própria.

Tal característica se coaduna com os princípios da modernidade, sendo mesmo um dos seus pilares. Para a modernidade, necessário se faz identificar, categorizar, classificar de modo a determinar claramente o lugar, o espaço único em que algo ou alguém está. O ápice deste processo se dá com a formação dos Estados Nacionais – processo este que alcançou o seu cume no final do século XIX - e a exigência de sua caracterização a partir da delimitação clara de suas fronteiras e a instituição de uma norma jurídica própria. Neste contexto, a educação é chamada a levar adiante a constituição de um novo povo, dando-lhe uma história própria e uma língua específica.

Sem dúvida, a modernidade constrói esta educação, dando-lhe a sua razão de ser, seu caráter social.

Com o advento da pós-modernidade, fortemente marcada pela presença das tecnologias da informação e comunicação, tal característica passa a ser colocada em xeque na medida em que a concepção mesma de identidade é questionada.

Sem me alongar neste aspecto, aponto que a pós-modernidade, independente da acepção que assuma, vai sendo caracterizada como portadora da crise de paradigmas. Em outras palavras, ela evidencia a impossibilidade de continuidade dos parâmetros e fundamentos consolidados pela modernidade que explicam a realidade. Assim, a

crise que se instala e que vai aos poucos penetrando todos os espaços do tecido social tende a provocar mudanças, ou ao menos colocar em suspeição, os princípios que constituem a configuração social.

Neste mesmo contexto, a educação também vai vivenciar esta crise de paradigmas, sendo aqui questionada sua possibilidade de constituição de identidade. É forçoso notar que tal crise demora a penetrar o campo educacional, e que, quando acontece, vai vivê-la de um modo próprio. Uma das explicações possíveis para que isto aconteça, além de outros motivos, é exatamente o fato de ser a educação elemento instituinte da identidade e esta demorar a se modificar.

Portanto, pensar a crise na educação é também apontar a crise na possibilidade da produção da identidade tomando a educação como um dos seus elementos.

Estamos então em um novo momento, uma nova configuração social, que reclama outros parâmetros para a sua compreensão.

3 A CIBERCULTURA E A(S) IDENTIDADE(S): QUEM SOU EU?

Procurando contextualizar nossa discussão e recolocar o objeto de nossa preocupação neste texto, vamos caracterizar, mesmo que de forma breve, a situação atual.

O predomínio das tecnologias da informação e comunicação levou ao advento da cibercultura, sendo esta resultante do ciberespaço, ou seja, do espaço criado pelas redes de comunicação. Mesmo apresentando desta forma simples, é possível perceber que a cibercultura se estrutura a partir de novos parâmetros, elegendo novas bases para sua constituição.

A cibercultura se apresenta como um fenômeno da contemporaneidade, provocando o surgimento de novas práticas sociais. Para Lemos (2003, p. 12), a cibercultura é "a forma sócio-cultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica". É, deste modo, a cultura contemporânea, produzindo novas formas de relacionamento social, sem necessariamente eliminar formas já consolidadas na sociedade. Esta ampliação vai potencializar as relações sociais.

Neste contexto, a internet ganha grande relevância por ser o ambiente onde diferentes formas de relacionamento social acontecem, podendo mesmo ser de forma simultânea. A constituição da identidade também passa por este novo ambiente, assumindo outras formas não mais advindas da lógica racional moderna.

Tomando os estudos de Hall (2006) sobre a crise das identidades, podemos apontar as mudanças no processo de identificação do sujeito. De uma identificação calcada nos predomínios da razão, tipicamente ancorada no Iluminismo, onde o sujeito se referia a um núcleo próprio e imutável, passa-se a perceber a identidade em função da

relação social que se estabelece, resultante, portanto, dos embates vividos na relação com os outros. Na pós-modernidade, tal identidade se transmuta em identidades, pois esta se apresenta agora como múltipla, facetada e por vezes contraditória.

A mudança fundamental se dá com a perda, ou melhor, com o esfacelamento dos limites fixos, das localizações rígidas, não podendo mais se apresentar como elemento de distinção em relação ao outro. Sem esta possibilidade, a identidade também entra em crise, produzindo por vezes o seu contrário, ou seja, a não localização.

É neste sentido que Augé (2004) aponta a existência dos não-lugares, aqueles espaços desprovidos de significado, espaços de passagem e não de fixação, típicos desta situação pós-moderna, ou de sobremodernidade, como prefere este autor.

Chega-se então à situação da quase impossibilidade de se perguntar: quem sou eu? Em um mundo onde as relações são fluidas e mutáveis, potencializado pela velocidade das comunicações online, querer encontrar um princípio instituinte parece uma missão impossível, demandando assim uma nova compreensão, um novo arcabouço.

Não podemos dizer que a crise da identidade vivida pelo sujeito na contemporaneidade seja exclusiva do surgimento da cibercultura. Mas parece-me muito evidente haver uma relação de proximidade, ou mesmo de acolhimento, entre a crise da identidade e uma nova configuração social baseada no dinamismo tecnológico.

4 EDUCAÇÃO NA CIBERCULTURA E AS IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO

Com este quadro social que cada vez mais se aprofunda, a educação também começa a sofrer mudanças na sua forma de ser. A educação a distância ganha destaque com o uso das tecnologias da informação e comunicação passando a ocupar o cenário educacional não mais como uma ação supletiva ou reparadora, mas como opção para o enfrentamento da realidade complexa atual. O uso de softwares específicos voltados para a aprendizagem de determinados conteúdos ou mesmo a utilização de plataformas virtuais para a organização de um programa específico surgem como elemento caracterizador desta nova forma de ser da educação.

Estes fatos, dentre outros, vão compondo um novo cenário educacional e apontando a necessidade de mudanças não só na forma de fazer mas na maneira de compreender a presença da educação na sociedade. Assim, perceber a educação como instituinte de identidade passa a ser questionado em um contexto onde a própria identidade é problematizada. Há assim um deslocamento deste papel que a educação vem exercendo perante a sociedade. É claro que se trata de um processo, sem podermos caracterizá-lo como algo definitivo e já consolidado.

Este deslocamento apontado acima tira a centralidade da educação na constituição da identidade, seja ela nacional ou individual. Outros elementos vão se compondo nesta constituição de identidade, alguns já existentes

anteriormente e outros novos oriundos desta configuração social. Para onde foi a educação na constituição da identidade? É possível ainda dizer que a educação testemunha a autoria?

Para este entendimento, vamos considerar, a princípio, a contradição, talvez somente aparente, entre a educação e as atuais tecnologias da informação e comunicação, suporte da cibercultura.

Um primeiro elemento a considerar é que há uma contradição de ritmo. A lógica das atuais tecnologias de base micro-eletrônica é a constante superação de si mesma, basta para isto ver a quantidade de novos produtos disponibilizados, introduzindo alterações, novas ferramentas, facilidades. Neste sentido, o caso emblemático é a proliferação de novos aparelhos celulares, que se superam a cada dia.

O elemento da superação parece definir o ritmo das inovações tecnológicas e o conseqüente desprezo por uma tecnologia agora considerada ultrapassada.

A educação, ao contrário, se estabelece por sua continuidade, por sua perspectiva de duração ao longo do tempo. A preservação da memória e da cultura são elementos fundamentais onde a educação se assenta. Sua durabilidade testemunha sua eficiência e lhe dá credibilidade, sendo estes fatores fundamentais para a consideração da educação como fator de constituição da identidade.

Aparentemente, enquanto a tecnologia se supera constantemente, a educação se preserva continuamente. Mas, como disse antes, esta contradição é aparente, pois se trata, de fato, de uma dada perspectiva tanto de tecnologia como de educação, perspectiva esta que sustenta a constituição da identidade baseada na lógica da modernidade, que demarca tempos e espaços distintos e únicos.

Outro dado a considerar é que tecnologia e educação, enquanto áreas de saber distintas, possuem linguagens próprias, com regras e procedimentos diversos.

A educação é discursiva, pautando-se pela elaboração de falas articuladas que vão se constituindo em bases para a sua presença na sociedade. Assim foi o "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", de 1932, ou o recente "Relatório Delors", da Unesco.

A tecnologia, por seu turno, é simbólica, manipula signos para a sua efetivação, combinando-os na construção de sua linguagem. Os softwares de grande alcance popular apresentam uma simbologia capaz de modificar comportamentos e mesmo relacionamentos, tal como os famosos "games".

Este elemento comparativo não indica que a educação não tenha e trabalhe a sua simbologia, nem mesmo que a tecnologia não possua a sua discursividade. A comparação se dá entre as linguagens que distinguem cada uma destas áreas e ao mesmo tempo a caracterizam como campos específicos.

Com a cibercultura, tais aspectos vão sendo progressivamente descaracterizados enquanto elementos que distinguem estes campos, pois há uma interpenetração de práticas e discursos, fazendo com que as fronteiras entre ambas se transformem em portas ou janelas de interconexão. Esta é a situação da educação a distância no contexto da cibercultura, tal como apontado acima.

A relação entre educação e tecnologia no contexto da cibercultura precisa ser construída, uma vez que estão sendo trocadas as bases da produção do conhecimento e dos relacionamentos sociais.

Assim, a educação modifica seu papel de instituinte da identidade para uma presença dinamizadora no processo de construção desta mesma identidade, agora múltipla e facetada. Por isso, a questão central que nos ocupa neste texto a respeito da autoria deve ser compreendida de modo diverso, não se procurando mais uma igualdade entre "produto acabado" e "produtor único". A autoria não pode então ser tida como ponto de chegada, mas sim um caminho a ser percorrido na constituição das identidades.

5 O QUE FAZER, ENTÃO? VOLTANDO AO PROBLEMA DA RESPONSABILIDADE.

Após esta discussão sobre a relação da educação com a constituição das identidades e o contexto da cibercultura, precisamos agora retornar às questões iniciais e analisá-las sobre este prisma, buscando também apontar alternativas para a prática docente.

É preciso dizer que não se trata aqui de identificar o culpado e aplicar-lhe o devido castigo. A prática do Ctrl C + Ctrl V já vem sendo legislada e sem dúvida deve ser combatida enquanto recurso para obtenção de sucesso acadêmico, seja ele em que nível for.

Ao contrário, nossa preocupação é entender tal questão pelo lado pedagógico, perceber seu contexto e buscar alternativas neste campo para a sua superação.

Entendendo esta questão pelo seu lado mais imediato, podemos perceber que se trata de uma geração copy-cola, como alguns autores costumam chamar tal prática. Porém, tal categorização é insuficiente para apreendermos o seu significado.

Por outro lado, é possível perceber que tal prática não é exatamente uma novidade no campo educacional. Aliás, há pouca diferença entre a prática do Ctrl C + Ctrl V e aquela de tempos atrás quando eram feitas cópias imensas das antigas enciclopédias juvenis, ainda presentes em nossas lembranças. As gerações são diferentes, mas as práticas são muito semelhantes. É claro que existem diferenças, mas muito mais na forma e na dinâmica do que no conteúdo e na aprendizagem.

Onde está então o problema? Em primeiro lugar, é forçoso dizer que se o paradigma que subjaz a prática docente não se alterou, não é possível pensar em outros significados para esta situação. Trata-se então somente de uma atualização e não de uma virtualização, como propõe Lévy (1995). O paradigma moderno que atribuía papéis distintos a professores e alunos separava claramente de quem era a responsabilidade do ensino e de quem era a responsabilidade da aprendizagem. Mesmo grosseiramente falando, cabia ao professor ensinar e ao aluno aprender. Assim, falar em autoria era somente o reconhecimento de um destes papéis ou lugares.

O problema, portanto, está em receber um trabalho deste tipo como resultado de uma proposta pedagógica. Deste modo, ao receber tal trabalho o professor deve se perguntar sobre o que foi proposto ao aluno e o modo como isto foi feito. Sem dúvida, os motivos estarão relacionados a esta proposta. Aí está a raiz da questão. Se o aluno não foi convocado para ser autor-colaborador da atividade, ele não irá estabelecer nenhuma relação de identificação, pois não precisa se comprometer em produzir algo que seja dele, ou a partir dele.

A questão, portanto, retorna à busca da identidade e o papel da educação neste processo. Ao entregar um trabalho do tipo Ctrl C + Ctrl V, o aluno está somente "se livrando" de uma obrigação que lhe foi imposta, pois não há nenhuma identidade dele com aquela atividade. Ele não se sente autor, ou melhor ainda, ele não é provocado a "dizer a sua palavra", revelar a si mesmo neste contexto. Deste modo, a melhor alternativa já está dada e disponível: uma simples "googada".

É preciso então que a proposta pedagógica seja pensada em um paradigma onde aluno e professor sejam autores e colaboradores da produção do conhecimento. A questão não pode ser resumida a uma única atividade pontual, a um único trabalho acadêmico. Este é somente um aspecto da proposta pedagógica que se tem.

Mas, como dito anteriormente, a geração copy-cola é uma realidade, portanto, tais trabalhos "clonados" vão ocupando o seu espaço na prática pedagógica. Qual a opção então, uma vez que este trabalho está na nossa frente?

Como disse, a proposta pedagógica deve orientar a prática pedagógica. Assim, preocupar-se com o processo de produção do conhecimento por parte do aluno é elemento central para a consecução de uma proposta que vise valorizar o aluno como autor. Neste sentido, ao receber tais trabalhos deve-se solicitar ao aluno que explicite seu processo de produção do conhecimento. Aqui estão envolvidas questões como formas de fazer, recursos a fontes determinadas, tipo de análise feita, construção do trabalho final. Isto irá possibilitar que se olhe para o processo e não somente para o resultado final.

Na discussão acima sobre a constituição das identidades na cibercultura, destacamos que estas são multifacetadas e sofrem influências diversas, sendo dinâmicas e mesmo fluidas. Assim, o confronto com outros faz parte desta construção. Por isso, nas situações que estamos aqui analisando, é possível fazer um confronto entre as produções dos alunos em uma dada atividade. Não se trata de expor determinado aluno ao julgamento de outros, e sim de promover um encontro entre os diferentes processos de produção de conhecimento que foram ensejados por eles. A

troca e a reflexão conjunta se constituem em elemento privilegiado de uma prática que suscite nos alunos a participação, a cooperação e a colaboração.

Por fim, há a necessidade de se pensar em uma nova escolarização, tendo a cibercultura como contexto da produção de identidades coletivas. Tal proposta já vem sendo gestada em algumas experiências que visam concretizar um novo paradigma. É assim que podemos falar em educação on line, aprendizagem colaborativa. Nestes novos modelos educacionais, a proposta pedagógica não torna a presença de cada aluno como exclusiva e sim como participante do processo e, portanto, constituidora da identidade que se está construindo.

Neste contexto, a autoria deve ser pensada como resultado da aprendizagem colaborativa. Tal autoria é portanto coletiva, mesmo que não seja necessariamente conjunta. Ao dizer isto, estou colocando a questão da autoria muito mais na proposta do que propriamente no fazer, sem querer desprezar o resultado, mas entendendo-o como elemento desta proposta pedagógica.

6 PARA ALÉM DO CTRL C + CTRL V

O esforço aqui apresentado se dá na proposta de entender uma dada realidade do campo educacional a partir da perspectiva pedagógica, buscando suas motivações e levantando algumas alternativas.

Em um contexto novo (ao menos para a maioria dos atuais professores), dominado pela dinâmica das tecnologias da informação e comunicação, a construção da identidade se apresenta como um desafio, tanto no sentido de vencer uma tradicional concepção onde a educação ocupava lugar central, como também descortinar formas novas de composição a partir de relações diversas entre os elementos presentes.

Neste sentido, ganha maior relevância a proposta pedagógica. Nela estão presentes tanto os objetivos como os procedimentos capazes de dar suporte a esta nova concepção de identidade. Não se trata, portanto, de desprezar a educação uma vez superada sua compreensão anterior tributária de um contexto já passado. Ao contrário, a presença da educação na cibercultura tem demonstrado sua importância neste novo processo de constituição das identidades, ressignificando não só o seu fazer como sua concepção.

Para encerrar esta reflexão, não posso deixar de considerar que a atual prática dos professores, em particular dos que atuam na educação básica, está limitada pelas condições objetivas do seu trabalho, com uma enorme quantidade de atividades e ritmo, além da baixa remuneração. Sem dúvida, este fato dificulta qualquer mudança que exija maior dedicação e mesmo uma atenção mais particularizada aos alunos.

Por outro lado, na medida em que o processo de mudança da compreensão do papel da educação na constituição da identidade no contexto da cibercultura vai tomando forma objetiva em projetos didáticos próprios, o professor vai

assumindo outra posição e descobrindo novas formas para o seu fazer pedagógico. Isto já é uma exigência que a nova configuração social nos apresenta.

REFERÊNCIAS

AUGE, Marc. **Não-lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. São Paulo: DP&A Editora, 2006.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: SULINA, 2002.

_____. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo. **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1995.

PADILHA, Maria Auxiliadora Soares. **Pesquisa de Conteúdos na Web**: copiar e colar ou estratégias para a construção do conhecimento? 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

_____; CAVALCANTE, P. S. Cópia e autoria: algumas reflexões sobre a pesquisa de conteúdos na WEB numa perspectiva de construção do conhecimento. In: XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2008. Anais. Porto Alegre, 2008.

ROMANELLI, Otaíza. **História da Educação no Brasil**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Sujeito da educação**. Estudos Foucaultianos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **Documentos de identidade**. Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.